

FH defende política de alianças

■ Presidente afirma que sistema pode ser “até contraditório”, mas que democracia brasileira não avança sem que se juntem as forças

PAULO MUSSOI

Brasília – Gilberto Alves

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a defender ontem a política de alianças, com a qual o governo aprovou o ajuste fiscal, empreendeu a reforma da Previdência e agora prepara a reforma ministerial para o segundo mandato. Em discurso no Palácio do Planalto, disse que “não se avança” numa democracia sem um sistema de alianças, mesmo que seja, “às vezes”, contraditório.

“Numa democracia complexa como a brasileira não se avança sem que se juntem as forças, sem que haja um sistema de alianças, às vezes até contraditório, mas que tenha uma resultante. E o que conta é ver qual a direção dessa resultante, e essa direção está sendo visível nos progressos que estão sendo feitos”, disse o presidente ao apresentar relatório sobre as metas atingidas em 1998 pelo Programa Nacional de Reforma Agrária.

Segundo Fernando Henrique, essa política de alianças com diversas correntes políticas já foi compreendida e aprovada pela população, e teria sido a principal razão de sua reeleição. “Costumo dizer que se não tivesse havido esse empenho, eu não teria sido reeleito logo no 1º turno. Porque o povo vota quando percebe que há um caminho. É mais fácil votar ‘não’ do que votar ‘sim’ para a manutenção de uma administração. E não há de ser por causa de debates abstratos que o povo vota. Ele vota quando vê que houve um caminho concreto, que melhorou”, disse. O presidente reconheceu que ainda há muito o que fazer. “Podia ser melhor? Talvez. Mas os passos estão sendo dados e há vontade de dá-los, e com boa-fé. O governo tem boa-fé.”

Mais tarde, o porta-voz adjunto da Presidência, Georges Lamazière, afirmou que o presidente não teme que o novo ministério possa desagradar a algum partido e desestabilizar a base de alianças. “O presidente dá como certo o apoio destes partidos nas reformas e no ajuste fiscal, independentemente de qualquer participação específica no futuro ministério”, disse.

Em seu discurso, o presidente repeliu as críticas de que sua administração dedica-se demais à manutenção da estabilidade econômica, em detrimento de políticas sociais. “Não existe contraposição entre a estabilidade da economia e a melhoria das condições da população. Enganam-se aqueles que imaginam que estabilidade é o oposto de desenvolvimento e bem-estar social. Engano total. Se não fosse assim, nestes últimos 30 anos de inflação galopante teríamos um Brasil prosperando para o povo. Mas não foi o que aconteceu. Foi um Brasil que às vezes até prosperou, mas nunca para o povo.”

Ele creditou à estabilidade econômica o recorde de assentamentos nos últimos quatro anos, comemorado no Planalto. “O fato de termos assentado tanta gente mostra que a preocupação com o social foi sempre dominante. Mas se não houvesse estabilidade na economia, não seria possível fazer o que foi feito.” Em quatro anos, o governo registrou 270 mil famílias e desapropriou 8 milhões de hectares para reforma agrária.